

# 1935: A MANHÃ E A “CAMAPANHA DOS 50%”

Dainis Karepovs<sup>1</sup>

No dia 3 de agosto de 1935, um grupo de estudantes universitários e de preparatorianos<sup>2</sup> cariocas reuniu-se na Casa do Estudante do Brasil para elaborar um manifesto e divulgá-lo na então capital do Brasil, a cidade do Rio de Janeiro (Distrito Federal), e nos principais centros estudantis do país. No documento expunham as imensas dificuldades materiais vividas pelos estudantes para manterem-se em seus cursos e propunham “abatimentos nos meios de locomoção e diversão dos estudantes”. Pretendiam desencadear mobilizações para a conquista desses abatimentos, a que intitularam “Campanha dos 50%”. Cinco dias depois, uma comissão desses estudantes foi até o diário oficioso da então ilegalizada Aliança Nacional Libertadora (ANL), *A Manhã*, solicitar a divulgação do documento e o apoio do jornal à causa<sup>3</sup>. No entanto, mesmo considerando todo o seu otimismo, esses jovens jamais iriam supor a proporção e os rumos que a “Campanha dos 50%” tomaria em todo o país naquele segundo semestre de 1935, nem tampouco a herança por ela deixada.

Nesse episódio pouco conhecido da história do movimento estudantil, há vários aspectos que imediatamente chamam atenção. O primeiro é que ele ocorre quando, em plena vigência da Lei de Segurança Nacional, a ANL já havia sido ilegalizada pelo governo de Getúlio Vargas. Outro é o fato de não haver, antes da publicação do manifesto, qualquer informação sobre a organização desse movimento: ele aparece como um raio em céu azul, no dia 9 de agosto, nas páginas do diário aliancista. E, daí em diante, até o início das férias escolares, em meados de novembro, quase que diariamente havia no jornal uma informação, uma reportagem, um manifesto, uma circular, um documento, um fato novo de qualquer canto do Brasil sobre a “Campanha dos 50%”.

Um terceiro aspecto, decorrente dos anteriores, é o da não vinculação da “Campanha dos 50%” à ANL, e, em consequência, ao PCB, mesmo levando-se em consideração o fato de que, ao longo do desenvolvimento da campanha, o noticiário praticamente se restringiu às páginas de *A Manhã* (publicação na qual os comunistas jogaram um papel muito importante em sua orientação editorial), enquanto nos demais jornais as poucas referências à “Campanha dos 50%” se restringiram aos eventos de maior mobilização ou aos confrontos com a repressão<sup>4</sup>.

Este movimento se deu em uma conjuntura política extremamente convulsionada do Brasil – a dos anos 1930. A primeira metade dessa década, em especial a partir do final de 1933, marcou a entrada, na cena política, das massas trabalhadoras urbanas e de suas organizações. No entanto, para as organizações dos trabalhadores e aquelas à esquerda do espectro político, o final de novembro de 1935, com as revoltas militares comunistas de Natal, do Recife e do Rio de Janeiro, marcou o encerramento desse seu curto período de aprendizado e de crescimento, sob uma violenta repressão. Após essa data, militantes, partidos, sindicatos e demais organizações desse campo foram implacavelmente perseguidos, presos, torturados, assassinados, processados, fechados e condenados por um regime que, para justificar seus atos discricionários, sustentou sucessivos estados de sítio e de guerra, e, finalmente, em novembro de 1937, instaurou a ditadura do “Estado Novo”.

Aqui examinaremos a atuação do movimento estudantil no segundo semestre de 1935, durante o curto período em que esses setores mais à esquerda do espectro político puderam atuar com maior liberdade, em que pese a desenvoltura de ação do aparato policial herdado da chamada República Velha pelo governo de Getúlio Vargas – repressão esta acentuada após a promulgação da Lei de Segurança Nacional, a Lei n. 38, de 4 de abril de 1935, conhecida como Lei Monstro. De modo mais específico, o foco se dará sobre o movimento que apontamos no início deste artigo e que repercutiu em todo o país: a “Campanha dos 50%”.

Nossa principal fonte para o exame desse movimento será o diário carioca *A Manhã*, o único em que se pôde encontrar um acompanhamento sistemático do movimento. Dirigido pelo militante comunista Pedro Motta Lima, iniciou sua circulação em 26 de abril de 1935, apresentando-se como porta-voz oficioso da Aliança Nacional Libertadora, fundada em 12 de março do mesmo ano. Mesmo com o fechamento, por decreto do governo, da ANL em 11 de julho de 1935, o que levou a organização à clandestinidade, *A Manhã* continuou circulando livremente até 27 de novembro de 1935, quando ocorreu a revolta militar comunista no Rio de Janeiro e o fechamento do diário pelo governo.

A ANL, por sua vez, foi o produto de uma aliança entre os “tenentes” de esquerda decepcionados com os rumos da chamada “Revolução de 1930” e os comunistas<sup>5</sup>. No caso brasileiro, o ilegal e clandestino Partido Comunista do Brasil (PCB) e a sua organização juvenil, a Federação da Juventude Comunista do Brasil (FJCB), até fins de 1934, ainda aplicavam a política sectária do chamado “terceiro período”. Ela vinha desde a virada dos anos 1930, embora houvesse sido caucionada no VI Congresso da Internacional Comunista, realizado em 1928, e adotava a tática conhecida como “classe contra classe”, que supunha haver uma “radicalização das massas”<sup>6</sup>, possuía uma linha sindical muito sectária, coroada por uma profunda aversão às alianças políticas, em especial com os socialistas – ou correntes políticas a eles associadas, no caso do Brasil –, que eram caracterizados como “social-fascistas”, e que, paradoxalmente, apesar de sectária era exercida por meio do que se chamava “frente única pela base”.

A FJCB atuava no movimento estudantil através de uma organização, considerada sua “linha auxiliar”<sup>7</sup>, denominada Federação Vermelha de Estudantes. Ivan Pedro de Martins, secretário político da FJCB em 1935, em suas memórias, relata que no seu processo de aproximação com o comunismo, ao entrar na Faculdade de Direito do Rio de Janeiro, em 1932, se recusara a entrar na Federação Vermelha de Estudantes em razão da insignificância de sua penetração nos meios estudantis e por julgar provocativa e inútil a sua chamativa denominação: “Burrice! Será que vocês não veem que ninguém vai querer ser juventude vermelha? Será que vocês acham que, com a polícia e a perseguição, alguém se anima a entrar para uma coisa que assusta pelo próprio nome?”<sup>8</sup> Mais tarde, efetivamente, a Federação Vermelha de Estudantes desapareceria<sup>9</sup>. Tal conjunto de práticas, em síntese, propiciava o afastamento político da FJCB da juventude.

Frente a esta sectária política que internacionalmente levava, em termos práticos, a um isolamento cada vez maior dos comunistas e que teve como resultado palpável a ascensão e a chegada de Adolf Hitler ao poder

na Alemanha, a confusão instalou-se dentro das fileiras comunistas. Isto fez com que os comunistas, primeiro localmente, depois regionalmente, a seguir nacionalmente e, por fim, internacionalmente, reorientassem sua linha política, levando a Internacional Comunista rumo à política de “frente popular”, na qual – ao estabelecer como o principal inimigo o fascismo, e não mais o capitalismo – buscou ampliar seu arco de alianças para além do campo operário e socialista. No Brasil, a ANL foi uma das fórmulas encontradas pelos comunistas na consecução da “frente popular”.

## **A educação no Brasil em 1935**

O Brasil de 1935, de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), tinha uma população estimada em torno de 37 milhões de habitantes. Na área da educação, possuía 36.662 unidades escolares, que tinham 91.542 professores. Nestes quase 37 mil estabelecimentos escolares haviam se matriculado 2.862.616 alunos, mas 2.438.977 efetivamente estavam matriculados. Ainda de acordo com a mesma fonte, o Brasil tivera naquele ano 27.501 alunos (0,96% do total nacional) inicialmente matriculados (dos quais 25.996, ou 1,06% do total nacional, estiveram efetivamente matriculados) em 248 unidades escolares de ensino superior (o que corresponde a 0,67% do total nacional), que contava com 3.898 professores (4,24% do total nacional). Dessas 248 unidades escolares de ensino superior, 18 estavam situadas na região Norte – que, na época, incluía os estados do Acre, Amazonas, Pará, Maranhão e Piauí; 30 na Nordeste – Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco e Alagoas; 12 na Este – Sergipe, Bahia e Espírito Santo; 129 na Sul – Rio de Janeiro, Distrito Federal, São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul; e 59 na Centro – Mato Grosso, Goiás e Minas Gerais. Havia também no campo da educação um dado que então não se encontrava facilmente: o do analfabetismo. Este era um segredo de polichinelo do qual não se ocupavam os anuários estatísticos, apenas os censos decenais. Os dados disponíveis se referiam ao Censo de 1920, o qual, dentro de uma população total recenseada de 30.635.2605 habitantes, dos quais cerca de 17.564.000 tinham mais de 15 anos, apontava cerca de 11.409.000 que não sabiam ler nem escrever (uma taxa de analfabetismo de 65%). Como não foi realizado censo em 1930, somente em 1940 houve nova contagem, que registrou uma população total de 41.236.315 habitantes, dos quais cerca de 23.648.000 tinham mais de 15 anos de idade e, dentro desse universo, aproximadamente 13.269.000 eram analfabetos (uma taxa de analfabetismo de 56,1%)<sup>10</sup>. Enfim, a educação brasileira apresentava um conjunto de números assustadores...

## “Campanha dos 50%”

Apesar de lançada no início de agosto de 1935, a “Campanha dos 50%” não surgiu do nada. Embora não se tenha encontrado uma sólida documentação que conduza às origens específicas desse movimento, não se pode ignorar o fato de que já havia uma discussão sobre a questão de como as condições materiais de existência dos estudantes interferiam em suas atividades. Isso pode ser testemunhado nas próprias páginas de *A Manhã*, que noticiou uma reunião realizada no Centro de Defesa da Cultura Popular<sup>11</sup> no dia 25 de maio de 1935 com o objetivo de discutir a “situação do estudante pobre no Brasil”. O propósito do encontro era debater as dificuldades materiais do estudante e o “ensino anacrônico” ministrado nas universidades, além de um exame sobre o ensino secundário, “em todo o seu descalabro”. A reunião, na qual “fizeram uso da palavra os estudantes Carlos de Lacerda, Ivan Pedro de Martins, João Paulo [Pereira da Silva] e os intelectuais Joaquim Ribeiro, Amadeu Amaral Júnior, o poeta João Ribeiro e outros”, teve grande assistência, e nela foi “amplamente debatida a situação de miséria em que vivem os nossos estudantes, ressaltando-se então todas as suas reivindicações mais profundas”<sup>12</sup>.

As dificuldades materiais por que passavam os estudantes também eram objeto de atenção de setores da imprensa além de *A Manhã*. Era o caso do conglomerado jornalístico Diários Associados, de Assis Chateaubriand, que abriu suas páginas para tratar do assunto. Neste mesmo mês de maio de 1935, por exemplo, ao tratar da fundação da Casa do Estudante Fluminense, afirmava-se que os estudantes padeciam de dificuldades “quase insuperáveis” para a realização de seus cursos, “desde o livro ao numerário para pagamento das taxas de frequência e de exame”. Ficava claro pelo texto jornalístico que as finalidades desta iniciativa, no entanto, não ficavam exatamente no campo da conquista de direitos:

A Casa do Estudante Fluminense terá por fim a reunião de fundos para pagamento de taxas escolares de estudantes pobres, a obtenção de facilidades para a compra de livros, a criação de um *bureau* de empregos para os universitários, a fundação de pensões para os que têm suas famílias no interior e, enfim, a realização de todas as medidas possíveis para a facilitação do estudo aos alunos das escolas fluminenses<sup>13</sup>.

Outra discussão sobre as condições materiais dos estudantes pode ser encontrada também nas páginas de *A Manhã*, no relato de uma reunião realizada na sede da Aliança Nacional Libertadora, em 6 de julho, convocada pelo Congresso da Juventude Proletária, Estudantil e Popular<sup>14</sup>, à qual foram

chamados todos os seus aderentes estudantes. Ali – além de Amadeu Amaral Júnior, que fora levar a adesão do Centro de Defesa da Cultura Popular ao Congresso – estiveram presentes representantes do Liceu de Artes e Ofícios, da Escola de Química, da Escola Politécnica, da Escola Souza Aguiar, da Escola de Medicina e da Escola de Direito. A reunião teve como resultado inicial a apresentação de um conjunto de reivindicações: “Abaixamento das taxas, ilimitação de matrículas, ensino gratuito aos jovens pobres, criação de bibliotecas eficientes e populares para todos os estudantes, aparelhamento eficiente de todas as escolas”<sup>15</sup>.

Além disso, em outro elemento também colhido nas páginas de *A Manhã*, temos o anúncio da criação de uma associação de estudantes da Escola de Medicina do Rio de Janeiro com o curioso, mas revelador, nome de Ala Reivindicadora dos Estudantes de Medicina. Esta associação teria como objetivos “defender os interesses da classe”, particularmente: “abatimento de taxas, a remuneração de todos os internos nos serviços hospitalares etc.”<sup>16</sup>

Ao lado destas notas jornalísticas, poderíamos pinçar outras tantas que teriam apenas o condão de elevar o rol de objetos de reivindicação por parte dos estudantes, refletindo as precárias condições materiais em que viviam, bem como as insuficientes condições oferecidas pelas universidades, faculdades e escolas.

A edição de sexta-feira, 9 de agosto de 1935, de *A Manhã* trazia em sua primeira página a manchete “Os estudantes brasileiros iniciam a ‘Campanha dos 50%’”. O texto era acompanhado de uma foto que mostrava o jornalista de *A Manhã*, de paletó e sem gravata, sentado com um estudante engravatado e sem paletó circundado por um grupo de seis estudantes universitários, todos com paletó e gravata. A matéria, além do manifesto da “Campanha dos 50%” e de outro documento de adesão ao movimento por parte do Diretório Acadêmico da Escola Nacional de Química, traçava a singular origem do movimento, seus objetivos claros e convocava para uma nova reunião na Casa do Estudante do Brasil. Caracterizando o movimento como algo de há muito necessário (“faltava apenas um começo, chegar o fogo ao rastilho, para que a pólvora explodisse”), o grupo de estudantes, que em momento algum do texto é identificado, manifestava a absoluta convicção de que as reivindicações apresentadas no manifesto eram “a aspiração imediata de todos aqueles que estudam no Brasil”, e seu otimismo em relação ao movimento se devia “ao entusiasmo com que foi acolhida a campanha no Distrito Federal, inclusive por parte do Diretório Acadêmico e de professores”.

O manifesto publicado em *A Manhã*, dirigido aos estudantes do Brasil, afirmava que estes cada vez mais tinham dificuldades em conciliar o seu trabalho, necessário para sustentar o estudo, com as exigências de frequência

às aulas; além disso, “os próprios estudos sujeitam toda a classe estudantina à perda de horas obrigatórias para uma maior solidificação da cultura”. Para que as escolas não se transformassem em fábricas de diplomas, os estudantes deveriam defender o futuro e o progresso do Brasil. No entanto, “dedicando a nossa vida ao estudo, nos mantemos em nível de vida inferior às demais classes do Brasil”. Assim, a conclusão apresentada era a de que seria necessário lutar por “abatimentos nos meios de locomoção e diversão dos estudantes”. A seguir, o manifesto propunha valor desse abatimento (50%) e detalhava onde ele seria utilizado: “precisamos pagar a metade porque não podemos pagar integralmente as entradas nos cinemas e teatros, nos campos de futebol, nos ringues de boxe, nas viagens de bonde e ônibus, nos transportes marítimos e ferroviários”. Neste caso, a justificativa é a de que em outros países e mesmo nas escolas municipais do Distrito Federal tal uso já era corrente. Ao seu final, o texto informava que o manifesto fora redigido na Casa do Estudante do Brasil e concluía afirmando que o sucesso da “Campanha dos 50%” exigia uma ação conjunta de todos os estudantes, do Amazonas ao Rio Grande do Sul.

Embora, como até o próprio documento afirmasse, aqui e ali existissem abatimentos aos estudantes, como no Distrito Federal e em outros lugares do Brasil<sup>17</sup>, o documento tinha o mérito de propor a discussão da questão da precariedade em que vivia parte significativa dos estudantes e das consequências disso sobre a qualidade do ensino, e, ainda, de propor uma solução para um ponto preciso e claro, coisa que, como se viu nas discussões travadas antes desse manifesto, usualmente se perdia em propostas amplas, abrangentes e vagas.

Logo após a publicação do manifesto, ocorreram fatos que devem ser destacados. O primeiro é o início do processo de adesões e doações em dinheiro<sup>18</sup> à “Campanha dos 50%”, que nos primeiros dias centrava-se no Distrito Federal, mas já obtivera no Rio Grande do Sul, com a Federação de Entidades Preparatórias daquele estado, o seu primeiro apoio fora da cidade do Rio de Janeiro<sup>19</sup>. O outro é um importante ajuste que ocorrera nas reivindicações da “Campanha dos 50%”, após uma reunião ocorrida na Casa do Estudante do Brasil em 12 de agosto de 1935 – a primeira realizada após aquela do dia 3 de agosto, quando se redigiu o manifesto inaugural do movimento; nela, à qual acorreram centenas de estudantes, se acrescentam às reivindicações as demandas de abatimento de 50% nos preços dos livros e nas taxas escolares<sup>20</sup>. Nesta reunião, um dos membros da Comissão Organizadora da “Campanha dos 50%”, Raul Lins e Silva Filho<sup>21</sup>, exprimindo a maturidade do movimento, apontou um futuro caminho a ser trilhado:

A Comissão Organizadora pretende dirigir à Câmara um memorial, em que exporá as justas pretensões dos estudantes brasileiros. Julgamos, porém, que,

neste momento, é prematura qualquer decisão, porquanto ainda não nos podemos considerar o porta-voz autorizado de toda a classe estudantil. Quando estivermos convencidos de que toda a mocidade brasileira nos apoia, quando o nosso movimento contar com a adesão de todos os colégios, nós iremos à Câmara com um memorial assinado por milhares de estudantes, e os deputados, ante a pressão da mocidade, congregada num só bloco para a defesa dos seus interesses, nos atenderão!<sup>22</sup>

E, por fim, o terceiro ponto a ser destacado é, daí por diante, o efetivo acompanhamento cotidiano da “Campanha dos 50%” por parte de *A Manhã*. Este acompanhamento tomou forma marcante quando ocorreu o primeiro confronto do movimento com a repressão. A reunião de 12 de agosto decidiu realizar uma manifestação pública para o próximo dia 17, um sábado. Tal manifestação teve sua concentração inicial prevista no Largo da Carioca, de frente à Casa do Estudante, no início da tarde, onde foi realizado um grande comício que concentrou “grandes massas de jovens das escolas superiores e secundárias”. A seguir, os estudantes pretendiam ir em passeata à Câmara dos Deputados, no Palácio Tiradentes, e em seguida ao Palácio do Catete, sede do Poder Executivo do Brasil. A manifestação prosseguiu sem problemas até o Palácio Tiradentes, onde os estudantes foram recebidos pelo vice-presidente da Câmara dos Deputados, e ali manifestaram a disposição futura de encaminhar ao Legislativo um memorial com suas reivindicações, a fim de que elas tomassem a forma de projetos de lei. Dali eles seguiram à sede do Executivo. No entanto, quando voltavam do Palácio do Catete, que encontraram fechado, iniciaram-se os ataques da polícia, com espancamentos, tiros e gás lacrimogêneo contra os manifestantes, além de prisões e detenções<sup>23</sup>.

*A Manhã* estampou editorial, assinado por Pedro Motta Lima, intitulado “A causa dos estudantes”. Qualificando a ação da polícia de “espetáculo de covardia”, *A Manhã* queria imaginar que os incidentes ocorridos na manifestação teriam saciado a “volúpia de intolerância do governo”, que já vinha desde a promulgação da Constituição, em 16 de julho de 1934, cujos episódios o diário passou a enumerar e que julgava somente ter paralelo com os “dos povos balcânicos e das colônias mais duramente castigadas, para não falar das ‘civilizações’ camiseiras, de que é símbolo o machado nazista”. No entanto, frente às acusações lançadas pelas autoridades como justificativa para a repressão, o editor de *A Manhã* se interrogava qual seria o “extremismo” que se ocultaria nas demonstrações dos estudantes. Para Pedro Motta Lima, os “rapazes da Universidade, meninos e meninas dos cursos secundários, alguns milhares de garotos esfuziantes, daqueles que reivindicam seus direitos com o espírito folgazão”, faziam eco do que ocorria em suas casas, onde se acelerava a crise

impulsionada por Getúlio Vargas, que cavava o “fosso das taxas de milionários entre o livro e os filhos de cidadãos mantidos à custa de seu próprio esforço”. Por isso, marcando claramente seu caráter oposicionista ao governo de Vargas, o editor de *A Manhã* marcou seu lugar ao lado dos estudantes e das reivindicações da “Campanha dos 50%”:

Pleiteando com todo o direito a redução dos 50% nas passagens e nas diversões, os estudantes procuram reduzir as despesas que o orçamento paterno, com a crescente carestia da vida, não pode suportar. Não dizem hipocritamente os discursos oficiais, as conferências dos ‘homens de responsabilidade’, que o problema ‘único’ do Brasil é a instrução? E por que tantos obstáculos a quem deseja aprender? Se há alguma coisa a reparar na iniciativa dos jovens é que eles se contentem com o que pediram. Não querem atender a uma causa tão justa? Resta à massa estudantil fazê-los compreender, pela insistência do apelo, o alcance social da reivindicação. Estendam o movimento. Reclamem 50% de redução nas taxas, cuja finalidade é criminosa, objetivando a manutenção da vergonha das vergonhas, a incultura dos alfabetizados, num tão grande coeficiente de analfabetismo. A campanha não interessará apenas aos alunos. Terá a solidariedade ativa de todo o mundo, pois não só os chefes de família, mas todos os homens de consciência hão de sentir que não se trata apenas dos estudantes de hoje, mas do futuro do Brasil.<sup>24</sup>

Nesta mesma edição, ao lado deste editorial assinado, havia outra coluna fixa, normalmente publicada sem assinatura, que muitas vezes assumia um claro caráter editorial e ao mesmo tempo didático, com o revelador nome “Explicando ao Povo”. Nesse espaço, *A Manhã* dedicou outro texto às reivindicações dos estudantes, em que os argumentos do texto de Pedro Motta Lima praticamente eram repetidos, mas em uma linguagem mais direta e acompanhados de exemplos:

O orçamento dos jovens estudantes é sobrecarregado com despesas de transportes superiores às suas posses. Um estudante de Medicina, para ir de Cascadura à Praia Vermelha, gasta de bonde, ida e volta, 1\$600. Se ele quiser transportar-se de ônibus, a sua despesa será de 5\$600, de cada vez que tenha de ir à escola! E como o horário das aulas é feito no interesse exclusivo da comodidade dos diretores e altos funcionários, e não – como devia ser – de acordo com os interesses dos alunos, a distribuição dos cursos é feita, geralmente, com tamanha irregularidade que um aluno é obrigado a ir à sua faculdade ou ao seu ginásio mais de uma vez durante o dia. Esse fato, que é um transtorno na vida dos estudantes pobres, aumenta as despesas dos jovens,

causando-lhe não pequenos embaraços. A redução de 50% nos transportes por eles pleiteada é, por isso, perfeitamente justa, mesmo para aqueles que têm a seu favor um horário mais racional, de tal maneira é cara e dispendiosa a instrução no Brasil<sup>25</sup>.

O texto prosseguia com exemplos e finalizava por apontar a proposta de constituição de um governo popular e democrático, o qual seria o único capaz de propiciar solução a esses problemas,

[...] dando-lhes [aos estudantes] ensino primário, secundário, superior e profissional gratuito, transportes e diversões também inteiramente gratuitos, livros, prêmios de viagem, material escolar e, sobretudo, o direito de participarem da direção e do controle das escolas, ginásios e universidades, em estreita e fraternal colaboração com os professores.

No entanto, a proposta era somente ali avançada e deixada sobre a mesa. Por ora, reiterava-se, afirmava que naquele momento o importante, e que devia ser o foco de interesse da ação dos estudantes, era exclusivamente a redução dos 50% nos preços dos transportes e diversões, e que a repressão policial não deveria inibi-los nem arrefecer a sua disposição: “Suas aspirações nada têm de absurdas: são, pelo contrário, simples e modestas. Sua causa, portanto, é justa”. Era seu dever, orientava-os, fazer com que a agitação das ruas fosse acompanhada pela organização nas escolas; e, por fim, também os aconselhava a galvanizar a simpatia da população à sua causa. Para o articulista, era esta uma importante contribuição que os estudantes davam à luta da defesa das liberdades democráticas.

Os estudantes reuniram-se no dia 19 para discutir e avaliar os eventos do dia 17 de agosto. Apesar de que tivesse sido convocada apenas para reunir a Comissão Organizadora, mais de uma centena de jovens ali compareceu para mostrar sua indignação com os acontecimentos. Como não houvesse uma sala que comportasse todos, deliberou-se que permanecessem apenas os representantes das diversas escolas ali presentes. Embora, evidentemente, não tendo lido os editoriais de *A Manhã*, vários dos estudantes, além de protestarem contra as violências policiais, foram enfáticos no sentido de “tornar uma realidade o movimento iniciado”, ou seja, de estruturá-lo organicamente. Para tanto, além de convocarem uma nova passeata para o dia 23 de agosto, com saída prevista novamente defronte da Casa do Estudante do Brasil, a reunião elegeu uma Comissão Organizadora, pois a existente até então era considerada provisória<sup>26</sup>.

Na preparação da passeata de protesto intensificaram-se as medidas organizativas tomadas pela Comissão Organizadora. Além de continuar re-

cebendo mais adesões do Rio e de outros estados e de solicitar à Casa do Estudante do Brasil que designasse um membro para compor a comissão<sup>27</sup>, esta dirigiu agradecimentos a parlamentares pelos protestos que fizeram contra a repressão sofrida<sup>28</sup> e um manifesto à população carioca pedindo seu apoio à “Campanha dos 50%”:

Ao Povo Carioca

A “Campanha dos 50%” é a manifestação mais viva, mais entusiasta e combativa de toda a mocidade estudantina que tem aspirações a reivindicar. As aspirações que nós almejamos interessam a todo o povo, pois o povo somos nós, nossos pais, nossos parentes, nossos amigos e todos aqueles que não conseguiram frequentar as escolas. Nossa campanha é, por isso, não só dos estudantes, mas de todo o povo, que quer lutar contra a escravidão do analfabetismo e da ignorância. Eis por que contamos com o apoio decidido de todo o povo, jovem ou adulto. Estudantes superiores e secundários! Povo carioca! Alunos dos tiros de guerra! Todos à passeata de protesto contra as violências da polícia, a ser realizada sexta-feira, dia 23, às 15 horas, partindo do Largo da Carioca.

a) A Comissão Organizadora<sup>29</sup>

Termos como “povo” e “escravidão do analfabetismo e da ignorância” já chamam a atenção aqui; em primeiro lugar porque se afastam do discurso empolado do manifesto de lançamento do movimento, de 3 de agosto; e porque parecem indicar que a “Campanha dos 50%” começa a se aproximar do universo semântico e, claro, político de *A Manhã* – e, evidentemente, do movimento da ilegal ANL. Além disso, a Comissão Organizadora também divulgou, juntamente com o manifesto, um conjunto de instruções de trabalho e de propaganda para os estudantes em suas escolas<sup>30</sup>. Eram, claramente, resultado dos “conselhos” oferecidos na coluna “Explicando ao Povo”.

Ao longo da semana, novas adesões foram obtidas. Desde 9 de agosto até o dia 23 do mesmo mês, *A Manhã* havia noticiado a adesão de 30 colégios, faculdades ou entidades estudantis do Distrito Federal, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, São Paulo e Minas Gerais, indicando o crescendo que o movimento vinha adquirindo.

A Delegacia Especial de Segurança Política e Social do Distrito Federal lançou um comunicado no dia 22 de agosto proibindo a manifestação marcada para o dia seguinte. Alegando coincidência com a data da morte “dos comunistas Sacco e Vanzetti [...] elementos extremistas nesta capital pretendem levar a efeito várias manifestações [...] [e] colocar à sua frente colegiais, a pretexto de que são estes que procuram reclamar a diminuição das taxas [...] – a chamada

campanha dos 50%”<sup>31</sup>; e ameaçando, caso a proibição fosse desobedecida, reprimir por meios violentos a passeata<sup>32</sup>. No entanto, a polícia, “admitindo que não seria razoável impedir a livre manifestação do pensamento dos interesses estudantis”, resolveu, no dia seguinte, autorizar a manifestação, porém mantendo “intensa fiscalização”, pois existiam informações de que “elementos insubordinados” ainda pretendiam “tirar partido” da manifestação<sup>33</sup>.

Os estudantes mantiveram a manifestação, mas, apesar das supostas ressalvas policiais, foram novamente reprimidos, sem que sequer a passeata pudesse se iniciar. A concentração foi violentamente dissolvida a tiros e agressões físicas por parte da polícia política e, em seguida, a chamada Polícia Especial tomou a praça, “fazendo cessar o tiroteio e as correrias. Também o deputado Octavio da Silveira [membro da ANL], agindo com grande prudência, fez com que os investigadores guardassem as suas armas, o que concorreu sobremaneira para o restabelecimento da calma”<sup>34</sup>. Desta vez, as agressões dirigidas pela polícia política contra os estudantes foram descritas como verdadeiras cenas de selvageria, perpetradas com socos, pontapés, gás lacrimogêneo, cassetetes, revólveres, metralhadoras e canos de ferro. Estes canos, informava o diário aliancista, eram envolvidos por jornais: “de longe, a impressão que se tinha era de que os alunos eram espancados com jornais”<sup>35</sup>. Outro jornal ainda noticiou a utilização de fios de arames usados pelos policiais para surrar os estudantes<sup>36</sup>.

Uma caravana de estudantes de Direito visitou a redação de *A Manhã*, e um deles, o futuro poeta José Guilherme de Araújo Jorge, que meses antes renunciara às suas posições integralistas e aderira publicamente à ANL<sup>37</sup>, classificou os acontecimentos como “um espetáculo de cangaço que horrorizaria aos nordestinos”<sup>38</sup>, enquanto uma reportagem de jornal preferiu tipificá-los como “cenas de *Far-West*”<sup>39</sup>.

E, mais uma vez, *A Manhã*, por Pedro Motta Lima, publicou editorial lamentando e denunciando a violência dos incidentes:

Em meio a todos os embaraços do presente, a mocidade estudiosa precisa e tem de encontrar uma saída. [...] Acutilando-a, ferindo-a, espingardeando-a, o governo do Sr. Getulio Vargas desafia o instinto de defesa paterna que não morreu no coração dos brasileiros. E a luta dos jovens será a luta de toda uma população mobilizada contra a insolência inominável dos que, não satisfeitos de explorá-la e oprimi-la, ainda lhe batem nos filhos<sup>40</sup>.

Além da alegação dada pela polícia de que a manifestação acobertaria uma manifestação comunista, logo após o ocorrido, parte da imprensa buscou acobertar a ação repressiva. Foi o caso do conglomerado dos Diários

Associados, que minimizou os confrontos e os apresentou como resultado, de um lado, da retaliação por um assalto a um carro de frutas cometido por estudantes, do qual teriam saído feridos um estudante e dois investigadores<sup>41</sup>; e, de outro, de que o conflito resultara de um embate que se iniciara na chamada “Bolsa das Figurinhas” do Largo da Carioca. Esta “Bolsa” era um conhecido local em que se “vendem, compram, trocam figurinhas para a confecção de álbuns fornecidos por várias fábricas de balas, que descobriram uma maneira inteligente de forçar a venda de seus produtos”<sup>42</sup>. Segundo a reportagem, teria havido inicialmente um pequeno conflito envolvendo frequentadores da “Bolsa” que cresceu, mas sem maiores consequências: “apenas alguns arranhões, sem importância, e uma ou outra contusão, natural no caso”. Em seguida, a versão do jornal sobre os acontecimentos assim se concluiu:

Elementos suspeitos aproveitaram a ocasião para tirar partido, e açularam a reação contra as determinações da polícia, que, não conseguindo fazer acatar as suas ordens, teve que pôr em prática meios mais enérgicos, pondo em função, depois de disparar alguns tiros para o ar, os seus ‘casse-têtes’. E foi tudo que houve, ontem, no Largo da Carioca.

Em que pesem as versões conflitantes, a do conglomerado de Assis Chateaubriand visivelmente tinha a preocupação de encobrir as ações policiais que repercutiram negativamente na opinião pública. Todavia, essa narrativa jornalística, e mesmo os seus registros fotográficos dos feridos, não conseguiram elidir o fato de que o rol dos feridos apenas incluía estudantes, não trazendo sequer ocasionais circunstâncias aos episódios. A esse respeito, a Comissão Organizadora da “Campanha dos 50%” fez questão de enfatizar, no comunicado distribuído à imprensa logo após os incidentes, a violência seletiva da repressão: “Nada justifica esse ato, nem mesmo o ridículo pretexto de intromissão de ‘extremistas e agitadores’. Porque é bem fácil distinguir um garoto fardado ou um jovem acadêmico de ‘conhecidos agitadores’. Entretanto, os espancamentos eram de preferência aos reconhecíveis, sobretudo pela farda que trajavam”<sup>43</sup>.

A pronta resposta da Comissão Organizadora, que recebeu diversas mensagens de solidariedade, e que enviou outras mensagens de protesto às autoridades, foi chamar uma nova passeata para o dia 29 de agosto, verificando “se nessa data não haveria alguma manifestação revolucionária, ‘para evitar a infiltração de elementos subversivos’”, bem como prosseguir na discussão do memorial a ser enviado à Câmara dos Deputados. Além disso, a Comissão Organizadora prosseguiu em seu processo organizativo e estabeleceu a criação de três comissões especializadas: Publicidade, Propaganda e Finan-

ças<sup>44</sup>. Tendo detectado um desequilíbrio na presença de suas manifestações, ao constatar uma maior frequência de estudantes secundaristas, a comissão lançou um apelo no sentido de que os estudantes universitários passassem a ter uma postura mais ativa na “Campanha dos 50%”: “Os acadêmicos deverão provar, na passeata de quinta-feira, que não são oportunistas e estão dispostos a lutar pela vitória da nossa causa”<sup>45</sup>.

## Inflexão à esquerda

Sem dúvida, os violentos episódios de 23 de agosto de 1935 no Largo da Carioca foram um ponto de inflexão na “Campanha dos 50%”. De um lado, porque a desproporção entre a violência empregada, as fracassadas tentativas de vincular os estudantes com “extremistas” (ou seja, os aliancistas ou os comunistas), através de acusações lançadas pela Polícia Política, as reivindicações dos estudantes e a sua postura de prosseguir com a campanha carregaram para o movimento a simpatia da opinião pública. Testemunham isso os editoriais de jornais, além dos de *A Manhã*, que repudiaram vivamente a ação da polícia<sup>46</sup>.

De outro lado, o movimento sofreu uma grande politização daí em diante, sem, no entanto, perder o foco nas suas reivindicações centrais. *A Manhã*, em sua seção “Explicando ao Povo”, começou a chamar a atenção para o elemento politizador das reivindicações dos estudantes na campanha. Para o diário aliancista, ele se encontrava principalmente na demanda de redução do preço das passagens de bondes e ônibus, já que estes serviços eram concedidos, no Distrito Federal e em várias outras cidades brasileiras, à empresa canadense Light & Power ou às suas subsidiárias locais. Isto punha no centro das discussões a questão dos interesses das empresas estrangeiras no Brasil sob a chave do imperialismo e de como os representantes locais de seus interesses sempre caracterizavam os que os combatiam como “extremistas”, fato que se repetiu com os jovens estudantes<sup>47</sup>. Ao mesmo tempo, a simpatia granjeada pelo movimento dos estudantes na opinião pública punha os seus oponentes em uma difícil posição, pois não podiam abertamente se declarar contrários ao movimento. Na mesma seção, dias depois, *A Manhã* assim explicitou a alegada posição de “neutralidade” frente à “Campanha dos 50%” manifestada por *O Jornal*, principal órgão do conglomerado jornalístico Diários Associados de Assis Chateaubriand:

É mentira! Chateaubriand não está neutro nesta campanha: está ao lado da Light, de cujas migalhas vive sabujamente; está ao lado da polícia; está ao lado do governo; está ao lado dos cruéis fuziladores de crianças inermes. Quando se trata de defender os interesses da Itabira Iron ou os da própria Light, como

ainda recentemente no caso da construção da usina elétrica para a Central do Brasil, Chateaubriand não se declara neutro, mas toma abertamente o partido das negociatas dessas grandes empresas<sup>48</sup>.

A passeata realizada em 29 de agosto reforçou ainda mais a conexão da opinião pública com o movimento dos estudantes. Refreada pela indisposição criada na sociedade contra sua violência, a polícia, e particularmente a Delegacia Especial de Segurança Política e Social do Distrito Federal, teve apenas de observar a passeata, realizada com o propósito de protestar contra as violências cometidas anteriormente contra os estudantes e, claro, divulgar as suas reivindicações. Ela se desenrolou praticamente sem nenhum incidente, com cordões de isolamento organizados pelos estudantes, e foi entusiasmaticamente ovacionada pelos transeuntes e espectadores. A passeata, saindo da Praça Mauá, desfilou pela principal avenida do centro da capital, a Rio Branco (via que, nas duas manifestações anteriores, havia sido interditada aos estudantes), passando pela Câmara dos Deputados e pela Câmara Municipal, onde foi saudada pelos parlamentares de ambas as casas legislativas<sup>49</sup>. Um dos participantes, militante comunista, retratou assim o clima imperante: “Participo intensamente da luta pelo abatimento nas diversões e transporte. Cinquenta por cento era o lema. Passeata em cima de passeata. Os da frente gritavam: ‘O que nós queremos?’ E todos respondiam ‘Cinquenta por cento!’”<sup>50</sup>. Pedro Motta Lima, em editorial no diário aliancista, ao comentar a repercussão da passeata, sarcasticamente chamou a atenção para a ausência de tumultos quando os policiais da Ordem Social não empregaram seus usuais métodos de ação:

Vimos todos que os pequenos ‘facínoras’, impedidos antes de agir pelos arcanjos da Ordem Social, não bateram em ninguém, não perturbaram a vida urbana, não cometeram nenhum crime de morte, limitando-se ao uso do direito de manifestação que a lei assegura. E nada de reprovável tivemos a assinalar, precisamente porque não fizeram sentir sua presença os profissionais da desordem, os contumazes desrespeitadores da Constituição, os ferozes inimigos do povo.

A demonstração dos estudantes vale como um exemplo. Não somos um povo incapaz de entrar no gozo das liberdades elementares, como entendem os instrumentos de exploradores estrangeiros. Saíam as massas populares à rua, com os movimentos livres, e nada de anormal se verificará. A desordem – essa a verdade – sempre é provocada pelos nossos algozes, quando atentam contra os princípios democráticos e dão azo à sua sanha liberticida<sup>51</sup>.

A partir de então, a “Campanha dos 50%”, não apenas na participação – que, entre 24 de agosto e 4 de setembro, recebeu a adesão de mais 24 colégios, faculdades ou entidades estudantis do Rio de Janeiro, Distrito Federal, São Paulo, Pernambuco, Pará, Ceará, Bahia, Espírito Santo e Minas Gerais, totalizando então 54 apoios em nove estados e no Distrito Federal –, mas nas mobilizações, tomava caráter eminentemente nacional. Além disso, a Comissão Organizadora da campanha do Distrito Federal, à medida que eram criadas outras comissões pelo país, passou a enviar seus membros para participar de atividades, apoiar mobilizações e, evidentemente, transmitir-lhes a experiência carioca.

Tais mobilizações começaram a trazer resultados e também serviram para aprofundar e radicalizar as reivindicações. Por vezes este processo também tomou o rumo do confronto com a variante brasileira das organizações fascistas, a Ação Integralista Brasileira, como em um episódio ocorrido em Salvador, Bahia. Os estudantes baianos haviam conquistado, no início de outubro de 1935, em todos os cinemas da capital baiana, o abatimento de 50% no preço das entradas, exceto no “Cinema Liceu”, de propriedade de um militante integralista, que se recusou a conceder a meia-entrada. Em represália, alguns estudantes entraram durante uma sessão e soltaram ampolas de ácido sulfúrico no interior da sala de projeção, e pouco tempo depois outro grupo invadiu o cinema dando gritos de “abaixo o integralismo” e contra o proprietário e depredou a sala, o que gerou um conflito com a polícia. A Comissão Organizadora local distribuiu um comunicado após o episódio informando que, caso o abatimento não fosse concedido, outras “visitas cordiais” seriam feitas, e sempre aos domingos, dia de maior frequência naquele cinema<sup>52</sup>.

No Pará, o governo anunciou a concessão do abatimento de 50% nos transportes terrestres e marítimos aos estudantes na capital do Estado em 22 de outubro, exceto nos serviços oferecidos pela concessionária inglesa Pará Electric, o que levou os estudantes às ruas no início de novembro, quando também já haviam conquistado o desconto de 50% em boa parte das casas de diversões de Belém<sup>53</sup>.

Além disso, a “Campanha dos 50%” passou a receber, além da solidariedade oriunda do seu próprio meio, o apoio procedente de outras instituições, em boa parte as do movimento sindical: os jornaleiros, os marceneiros, os trabalhadores da Light, a Ação Reivindicadora do Centro dos Operários e Empregados da Light, a Confederação Sindical Unitária do Brasil, o Sindicato dos Operários em Construção Civil de Niterói, a União dos Contramestres, Marinheiros e Moços da Marinha Mercante, os bancários, a Federação dos Marítimos, bem como da ANL e de *A Manhã*, sendo que os bancários, os marítimos e o diário aliancista contribuíram financeiramente com o movimento dos estudantes.

Ao mesmo tempo, a Comissão Organizadora da “Campanha dos 50%” prosseguiu em suas tarefas, passando a se reunir desde então quase diariamente na Casa do Estudante do Brasil. Naquele final de agosto de 1935, a comissão atuou com vista à elaboração dos memoriais a serem encaminhados à Câmara dos Deputados. Para tanto, constituiu as comissões de transporte e diversões e de taxas e livros, com o objetivo de que a primeira concluísse seus trabalhos até o dia 14 de setembro, data em que marcou uma nova passeata para a entrega do documento<sup>54</sup>. A comissão de taxas e livros, por sua vez, tomou a iniciativa de encaminhar às escolas um questionário<sup>55</sup> para subsidiar a redação referente à parte das taxas.

Em cada uma das cidades onde ocorriam as adesões reproduziam-se os mecanismos de organização ocorridos na cidade do Rio de Janeiro, com a constituição de comissões temáticas e comissões nas escolas, bem como a realização de passeatas<sup>56</sup>. Além disso, valiam-se de eventos para divulgar o movimento, como nas comemorações nacionais do Dia da Independência, em 7 de setembro, quando tomaram parte do desfile empunhando cartazes e distintivos com a legenda “Tudo pelos 50%”<sup>57</sup>, ocasião em que também se realizaram pequenos comícios para divulgar uma nova passeata que havia sido convocada nacionalmente para o dia 14, para a entrega dos memoriais de transportes e diversões às Câmaras Federal e Municipal. Também começaram a ter destaque as manifestações de apoio à “Campanha dos 50%” realizadas pelas alunas normalistas do Instituto de Educação, pelas alunas do Colégio Pedro II e das escolas Amaro Cavalcanti e Paulo de Frontin<sup>58</sup>. Também se promoviam atividades de arrecadação de fundos, como piqueniques, com a realização de práticas esportivas e a animação de *jazz-band* e da escola de samba Estação Primeira de Mangueira<sup>59</sup>. Nesse processo de mobilização, também apareciam nas páginas de *A Manhã* várias denúncias sobre diretores de escolas que tentaram boicotar o movimento.

As edições de *A Manhã*, no período em que se seguiu à manifestação carioca de 23 de agosto até o final de sua publicação, noticiaram a realização de outras 15 manifestações realizadas país afora, exceto no Distrito Federal, ocorridas em dez estados do Brasil: São Paulo (SP) – edição de 4 de setembro de 1935; Juiz de Fora (MG) – edições de 4 de setembro e 1º de outubro; Cachoeiro de Itapemirim (ES) – edições de 6 e 10 de setembro; Niterói (RJ) – edições de 12 de setembro e 18 de outubro; Belo Horizonte (MG) – 14 de setembro; Fortaleza (CE) – 17 de setembro; Salvador (BA) – edições de 19 de setembro e 11 de outubro; Porto Alegre – 13 de outubro; São Luís (MA) – 19 de outubro; Belém (PA) – 2 de novembro; e Curitiba (PR) – 14 de novembro. Com exceção das ocorridas em Belo Horizonte e Fortaleza<sup>60</sup>, as demais foram realizadas sem incidentes com a polícia, o que indica ao mesmo tempo a sim-

patia que o movimento conquistou da população de modo geral e o receio e o cuidado que a repressão passou a ter em relação à “Campanha dos 50%”.

No Distrito Federal, nas cotidianas reuniões na Casa do Estudante do Brasil, além de suas atividades organizativas, a Comissão Organizadora passou a investir na tática de enviar cartas aos proprietários de teatros, cinemas, clubes etc. e também ao prefeito do Distrito Federal, Pedro Ernesto, solicitando os “50% de abatimento”, que eram entregues por grupos de estudantes, deixando de lado, desse modo, as grandes manifestações de rua, que dali por diante foram empregadas em raras ocasiões, ao contrário do que ocorrera no início do movimento. Os resultados começaram a chegar. No dia 11 de setembro, o proprietário de um cinema da cidade do Rio de Janeiro declarou ao diário aliancista ter concedido os 50% aos estudantes. Depois de afirmar que a campanha era uma reivindicação justa, acrescentou ser perfeitamente possível conceder o abatimento a qualquer hora e dia, observando ainda: “se os pequenos proprietários podem fazer essa concessão obtendo lucros compensadores, é evidente que as grandes empresas terão maiores possibilidades de atender a tão justo pedido”<sup>61</sup>. Cerca de um mês depois, *A Manhã* já informava que significativo número de cinemas da capital haviam concedido aos estudantes 50% de abatimento em suas entradas<sup>62</sup>.

Do mesmo modo, isto ocorreu em outras casas de espetáculo do Distrito Federal, como a Casa do Caboclo, e houve iniciativas semelhantes em outros teatros, como o Teatro Recreio, o Rival Teatro, e grupos teatrais, como o Teatro Escola. Também houve receptividade por parte de personalidades do meio artístico, como a declamadora Graziela Cabral, o compositor e humorista Lamartine Babo, nos espetáculos ao vivo das rádios, como a Farroupilha, ou até em tradicionais cafés, como o Colombo<sup>63</sup>.

No memorial entregue às Câmaras Federal e Municipal por ocasião da passeata do dia 14 de setembro de 1935, relativo às reivindicações dos estudantes no campo dos transportes e das diversões, observamos com clareza a clivagem à esquerda que a “Campanha dos 50%” tomou. Novamente, como em 29 de agosto, a passeata realizada ocorreu sem grandes incidentes, recebendo, novamente, enorme apoio popular <sup>64</sup>. Em seu memorial, os estudantes afirmavam que suas reivindicações representavam uma aspiração popular, pois serviriam para colocar o ensino ao alcance de todos, extinguindo a seleção econômica que significava o conjunto de objetos que era alvo da “Campanha dos 50%”: transporte, diversões, taxas, livros e os dois cursos complementares<sup>65</sup>. Naquela ocasião, como dissemos, apenas os dois primeiros itens foram tratados por parte dos estudantes no memorial apresentado aos parlamentares, com o objetivo de que fossem transformados em lei. Nele, ao contrário do que ocorrera no manifesto de lançamento da “Campanha dos

50%”, de 3 de agosto (no qual as razões apresentadas eram puramente de ordem material: “Precisamos pagar a metade porque não podemos pagar integralmente”, afirmavam então), as justificativas agora possuíam, do lado dos espetáculos, motivações culturais e, do lado do transporte, razões políticas e econômicas:

Um dos fatores que mais concorrem para o alarmante coeficiente de analfabetos, no Brasil, é indiscutivelmente a dificuldade de transportes e o preço exorbitante das passagens. Em vários países e mesmo em algumas unidades da nossa Federação os estudantes gozam esse abatimento, evidentemente justíssimo.

E, realmente, não se compreende que um jovem brasileiro, faminto de saber, não possa estudar devido ao elevado preço dos transportes, que, na sua maioria, está nas mãos de poderosas companhias estrangeiras.

Pleiteando esse abatimento, nós defendemos os interesses do povo e do Brasil. Portanto, combater a “Campanha dos 50%” é ser contra os estudantes, o povo e o Brasil, e é estar ao lado de empresas estrangeiras que têm lucros fabulosos!<sup>66</sup>

Assim se manifestavam claramente, mesmo ausente o termo imperialismo, as mesmas preocupações dos militantes aliancistas e, por extensão, comunistas, em seus documentos publicados naquele ano<sup>67</sup>. A “Campanha dos 50%” tomara sem dúvida a via da esquerda. Neste sentido, também já era então perceptível a presença, embora não ostentando a condição de aliancistas – e, claro, muito menos a de comunistas –, de jovens militantes comunistas em várias das comissões que se formavam ao sabor dos eventos realizados, como Raul Lins e Silva Filho, Rubens Britto, Irun Sant’Anna, Milton Lobato e Hélio Walcacer<sup>68</sup>.

Sintomaticamente, logo após a publicação deste primeiro memorial, A *Manhã* iniciou a publicação de textos em que estabelecia os vínculos entre os interesses econômicos de empresas com as reivindicações dos estudantes. No caso, os principais alvos eram a canadense Light & Power, que detinha o monopólio do transporte público em muitas cidades brasileiras; a Klabin & Irmãos (associada a interesses norte-americanos) e a Companhia Melhoramentos de São Paulo (associada a interesses alemães), ambas fabricantes de papel para livros<sup>69</sup>. Além disso, o diário aliancista começou a publicar “boxes” nas primeiras e últimas páginas de suas edições (as de maior destaque na exposição das bancas de jornal) em que sintetizavam com frases curtas os argumentos utilizados para mostrar como a Light & Power, a Klabin e a Melhoramentos estavam contra os estudantes e se recusavam a conceder as reduções por eles reivindicadas<sup>70</sup>.

Logo em seguida, num jogo de mútua influência, em reunião realizada no dia 10 de outubro, a Comissão Organizadora da “Campanha dos 50%” decidiu a elaboração e a entrega de um memorial à Light & Power reivindicando a redução do preço das passagens do transporte para os estudantes<sup>71</sup>. Para tanto, a Comissão Organizadora convocou uma passeata para a entrega do memorial à Light para o dia 23 de outubro, em seu escritório no centro da cidade. O presidente e os diretores se recusaram a receber a comissão de estudantes, que entregou o documento a um preposto da companhia canadense. Nele, pleiteavam o desconto de 50% para todos os estudantes nos transportes da Light a qualquer hora e em todos os dias, pois afirmavam ser necessário o desconto em razão das dificuldades econômicas dos estudantes, bem como pelo fato de o preço dos transportes dificultar a mobilidade daqueles estudantes que tinham de fazer muitos deslocamentos; e que tal desconto em nada prejudicaria a Light, pois já o concedera, diretamente ou através de suas subsidiárias, em cidades como Santos, Vitória, Belém e outras<sup>72</sup>.

Embora nas páginas de *A Manhã* tenham sido publicadas algumas respostas dadas ao questionário sobre taxas enviado às escolas<sup>73</sup>, o segundo memorial, de taxas e livros, em razão de sua maior complexidade, tomou maior tempo de elaboração, o que fez com ele fosse concluído quando os estudantes já estavam prestes a encerrar o ano letivo e entrar em férias, em meados de novembro. Por conta disso, o memorial acabou sendo entregue, depois de um adiamento, em 4 de novembro de 1935, por uma comissão de estudantes à Câmara Federal<sup>74</sup>, ao contrário do que ocorrera com a entrega do memorial de transportes e de diversões, quando se fizera acompanhar de um enorme cortejo. De certo modo, até para abrandar este anticlímax causado pelas férias escolares, o texto do memorial de taxas e livros foi publicado com alguns dias de antecedência. A sua pauta, ao contrário do primeiro memorial, era muito mais extensa e, olhando-o do século XXI, continha muitos pontos que levaram décadas para serem conquistados, conservando outros ainda inesgotáveis e atuais:

Reduzindo em 50% os preços das taxas nos cursos secundários e superiores; tornando gratuito o ensino primário [e profissional] e facilitando-os com o auxílio de livros, roupas e calçados para os alunos pobres; suprimindo os impostos sobre o papel destinado à fabricação de livros; mantendo rigorosa fiscalização para evitar exploração de Editores nos preços dos livros; e dando direito aos estudantes para exigir que se cumpram as leis de ensino.

Para a consecução de tais metas, o memorial detalhava, entre outras, as principais exigências dos estudantes: 10% do orçamento federal para o ensino; redução de 50% nas taxas de matrícula e frequência cobradas nas escolas supe-

riores e secundárias oficiais<sup>75</sup>; que não houvesse limitação de vagas nas escolas oficiais; criação de universidades nos estados onde houvesse aos menos três escolas superiores; criação de bibliotecas especializadas em todas as escolas; criação de conselhos paritários, nos ginásios e nas escolas superiores, de alunos e professores. Ao final os estudantes apontavam o seu horizonte aos parlamentares:

Os estudantes do Brasil esperam de VV.EE. providências urgentes em defesa da educação brasileira.

Nós estamos de pé na defesa da cultura. O descaso pela educação é uma ameaça ao Brasil de amanhã. Nós queremos leis de ensino que o tornem acessível a todos.

Fazer o Brasil maior, pela cultura e liberdade de seu povo, eis o ideal da mocidade das Escolas<sup>76</sup>.

Parte de tal horizonte, como já mencionado, demorou a se concretizar no país, e outra ainda hoje permanece opaca nas pautas de negociação...

Com o encerramento do ano letivo, a Comissão Organizadora da “Campanha dos 50%” iniciou sua última reunião na Casa do Estudante do Brasil em 14 de novembro de 1935, às 17 horas. Nela foram tomadas algumas importantes decisões: a primeira foi a escolha de uma comissão que dirigiria o movimento estudantil durante as férias, reunindo-se semanalmente durante o período<sup>77</sup>. No entanto, as duas mais importantes foram apenas mencionadas, não sendo reproduzidos os documentos nas páginas de *A Manhã*. A primeira foi o balanço da “Campanha dos 50%”, apresentado pelo estudante de química Érico Neves. Do que foi possível recuperar através das páginas do diário aliancista, entre 5 de setembro e 27 de outubro (data da última adesão localizada), a “Campanha dos 50%” recebeu a adesão de mais 25 colégios, faculdades ou entidades estudantis do Distrito Federal, Rio de Janeiro, Sergipe, Alagoas, Minas Gerais, Ceará, Paraná, Bahia, Rio Grande do Sul, Pernambuco e Espírito Santo, totalizando, pois, ao longo de quase três meses de mobilização, 79 apoios em 12 estados e no Distrito Federal. Já no que se refere às conquistas dos 50%, os dados obtidos são muito precários para que se possa indicar um valor com alguma confiabilidade. O que é possível extrair do imenso material publicado é que, no campo dos espetáculos (cinema e teatro, sobretudo), a conquista dos 50% de abatimento aos estudantes foi obtida com bastante frequência em grande parte das cidades brasileiras de que se tinham textos narrando as atividades dos jovens. Já no que se refere ao transporte – exceção feita às referências a Belém, Vitória e Santos –, às taxas e aos livros, não houve avanços, sobretudo em razão do pouco tempo para mobilizações mais específicas por conta do final do ano letivo.

A terceira e última decisão tomada na reunião da Comissão Organizadora da “Campanha dos 50%” pode ser considerada como a sequência lógica do movimento iniciado em 3 de agosto; ou seja, a percepção racional da necessidade da organização dos estudantes brasileiros em nível nacional, pois a consciência do universo de questões que foi entreaberta através das discussões travadas cotidianamente na comissão em torno de demandas e dos problemas trazidos pelos estudantes do Distrito Federal, e também pelos emissários que por ela eram enviados aos diversos recantos do Brasil, punha claramente em foco que logo depois da questão dos 50% outras reivindicações surgiriam e necessitariam ser enfrentadas. Isto era algo imprescindível dali por diante, e a Comissão Organizadora era, indubitavelmente, a forma mais adequada para ser a base estrutural a esta nova organização. Embora esse documento não tenha chegado até nós, julgamos relevante transcrever seu sumário, dado seu caráter precursor no movimento dos estudantes brasileiros no sentido da construção de sua entidade nacional:

Em seguida, o acadêmico Raul Lins e Silva Filho leu uma proclamação através da qual são relembradas todas as lutas desenvolvidas pela mocidade brasileira, e é lançada a ideia de uma organização nacional, permanente, a qual, continuando a “Campanha dos 50%”, leve avante todo e qualquer movimento relativo aos direitos da mocidade brasileira. Essa proclamação contém a assinatura dos seguintes estudantes: Almir Neves (E. N. de Química), Raul Lins e Silva Filho (Direito), Érico Neves (E. N. de Química), Tongatê de Almeida Rodrigues (Direito), Álvaro Lins e Silva (Paulo Freitas), Ery Presser Bello (Freycinet), Marcello de Andrade (E. Brasileira S. Christovam), João A. Martins Ribeiro (Direito), Maria Cândida Abreu Teixeira (Pedro II), Olga Vieira (Paulo Frontin), Luiza Vitis (Paulo Frontin), Ítalo Arruda ([Instituto de] Ensino Secundário), Luiz Lacroix Leiras (La Fayette), Saul Schemberg (La Fayette), Evandro Collares (I. S. P.), Theomar Jones (Direito), José Gomes de Araújo (Pedro II), José Carvalho Martins (Direito), Othon Marques (Curso Pré-Técnico), Maximino Nogueira de Medeiros, Miguel Gomes (Ginásio Piedade), Esther Tessler (G. N. Brasileiro), Péricles de Alencar Osório (E. N. de Agronomia), Paulo César (E. N. de Química) e Jacyra Alves de Britto<sup>78</sup>.

## **Anticlímax?**

Mais que o encerramento do ano letivo, foram os acontecimentos ocorridos em Natal, no Recife e no Rio de Janeiro, no final de novembro de 1935, que interromperam a “Campanha dos 50%”. A sociedade brasileira passou a viver daí por diante sob o tacho da repressão política, que investiu contra

todos os que se opunham ao governo e aos integrantes do círculo do poder de Getúlio Vargas. Dois anos depois se instalava de fato e de direito a ditadura, com o nome de “Estado Novo”.

No entanto, os estudantes, agindo nas frestas do regime, continuaram atuando; especialmente aqueles que estiveram à frente da “Campanha dos 50%”, pois acabaram não sendo tão visados pela repressão, sobretudo por não terem tido exposta sua vinculação com a ANL ou com o próprio PCB – ao contrário do que ocorreu com outros estudantes, como Carlos Lacerda ou Ivan Pedro de Martins, cuja exposição pública ao longo do ano os obrigou a se refugiar e mergulhar na clandestinidade durante muito tempo depois de novembro de 1935. Isto permitiu que vários daqueles jovens acabassem tendo um papel importante em uma entidade estudantil como a União Democrática Estudantil<sup>79</sup>, durante os anos de 1936-1937, e, posteriormente, uns poucos ainda puderam até chegar ao momento de criação da União Nacional dos Estudantes (UNE), em 1938<sup>80</sup>, cuja ideia em germe foi esboçada naquele dia 14 de novembro de 1935, na última reunião da Comissão Organizadora da “Campanha dos 50%”.

Assim, se a “Campanha dos 50%” foi interrompida em meados de novembro de 1935 por conta das férias escolares, pode-se pensar que, na verdade, a diluição de sua memória, propiciada pelos acontecimentos do final de novembro de 1935, talvez tenha sido o seu maior prejuízo; mas suas conquistas, mesmo parciais, foram mantidas, e suas reivindicações sistematizadas e não imediatamente alcançadas foram incorporadas às lutas que se seguiram anos depois; e, pode-se dizer, até a ideia de criação da UNE teve naquele momento os seus primeiros esboços. Enfim, não foi pouco, e por isso a “Campanha dos 50%” não deve ser esquecida.

## RESUMO

A partir das páginas do diário *A Manhã*, órgão oficioso da Aliança Nacional Libertadora (ANL), o texto reconstrói e discute a “Campanha dos 50%”, movimento criado inicialmente pelos estudantes da cidade do Rio de Janeiro e que tomou amplitude nacional no Brasil durante o segundo semestre de 1935. A “Campanha dos 50%” tinha como meta a conquista do abatimento de 50% nos meios de locomoção e diversão dos estudantes e nos preços dos livros e taxas escolares. Embora interrompida pelas revoltas militares comunistas de novembro de 1935, a “Campanha dos 50%” deixou um importante legado para o movimento estudantil brasileiro.

## PALAVRAS-CHAVE

Estudantes; Aliança Nacional Libertadora; jornal *A Manhã*; meia-entrada.

1935: *A Manhã* and the “50% Campaign”

## ABSTRACT

---

From the pages of the daily newspaper *A Manhã*, official organ of the National Liberation Alliance, this text discusses the “50 % Campaign”, movement initially created by students from the city of Rio de Janeiro that took national scale in Brazil during the second half of 1935. The “50% Campaign” was aimed at achieving abatement of 50% in the means of locomotion and fun for students and the prices of books and school fees. Although interrupted by the communist military revolts of November 1935 the “50% Campaign” left an important legacy for the Brazilian student movement.

## KEYWORDS

---

Students; National Liberation Alliance; newspaper *A Manhã*; half price.

## NOTAS

---

<sup>1</sup> Doutor em História Econômica pela Universidade de São Paulo (2001). Atualmente faz pós-doutorado em História na Universidade Estadual de Campinas, onde desenvolve pesquisa sobre a Juventude Comunista do Brasil na era da Internacional Comunista (1919-1943). Contato do autor: dakar@uol.com.br.

<sup>2</sup> Os cursos preparatórios consistiam em preparar os alunos em uma ou mais disciplinas que compunham o que hoje chamaríamos de grade curricular do ensino secundário, para que alunos preparatorianos pudessem prestar os exames, de forma parcelada, até a conclusão de algumas disciplinas da grade, possibilitando o acesso a determinados cursos do ensino superior. Porém, esses exames só podiam ser prestados nos ginásios públicos equiparados ao Colégio Pedro II, pois esses eram os únicos autorizados pelo governo federal a realizar os exames parcelados, exceto por ocasião da Reforma Rivadávia Correia (1911-1915), e durante a vigência desta lei, a equiparação foi estendida para as escolas particulares, que passaram a desfrutar os mesmos direitos dos ginásios públicos.

<sup>3</sup> “Os estudantes brasileiros iniciam a ‘Campanha dos 50%’. Por meio de vibrante proclamação, os organizadores do movimento solicitam o apoio da mocidade estudiosa do Brasil. As razões do movimento expostas a *A Manhã* por numerosa comissão estudantil.” *A Manhã*. Rio de Janeiro, n. 91, 9/8/1935, p. 1 e 7.

<sup>4</sup> Há um dado importante das tradições dos movimentos sociais existentes naquele momento que aqui é importante não ignorar, para que não se incorra em uma interpretação reducionista de causa e efeito. Trata-se da prática da ida de comissões de movimentos reivindicatórios às redações de jornais para a entrega das pautas de demandas coletivas e do seu esclarecimento. Isto frequentemente resultava na publicação de fotos dessas comissões, dos documentos por elas entregues e, por vezes, dos agrupamentos que acompanhavam tais comissões e ficavam postados às portas dos jornais. Tal prática era adotada, em especial, pelo movimento sindical.

<sup>5</sup> VIANNA, Marly. *Revolucionários de 35: sonho e realidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, p. 101.

<sup>6</sup> “Respondamos com a greve de 24 horas os ataques da reação.” *O Jovem Proletário*. Rio de Janeiro, 11/1934. Ano 5, n. 19, p. 1.

<sup>7</sup> CASTRO, Moacir Werneck de. *Europa 1935: uma aventura de juventude*. Rio de Janeiro: Record, 2000, p. 14.

<sup>8</sup> MARTINS, Ivan Pedro de. *A flecha e o alvo: a Intentona de 1935*. Porto Alegre: Movimento, 1994, p. 69.

<sup>9</sup> DULLES, John, W. Foster. *Carlos Lacerda: a vida de um lutador*. V. 1 – 1914-1960. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992, p. 41.

<sup>10</sup> Utilizamos aqui dados provenientes dos Anuários Estatísticos de 1936, 1938 e 1953 do Instituto Nacional de Estatística (1938) e do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (1941/1945 e 1953) e de PINTO, José Marcelino de Rezende *et al.* *Mapa do analfabetismo no Brasil*. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), s.d.

<sup>11</sup> Naquele momento, como ocorrera com várias outras organizações – jovens, mulheres etc. –, o Centro de Defesa da Cultura Popular fora criado em abril de 1935, contando com a participação de diversos intelectuais comunistas ou dos chamados “companheiros de viagem”: Candido Portinari, Aníbal Machado, Di Cavalcanti, Dyonélio Machado, Aparício Torelly etc. Sua primeira atividade pública foi a promoção de uma conferência de Carlos Lacerda, que recebeu o curioso título de “Carta fechada a Humberto de Campos” (“Centro de Defesa da Cultura Popular: Carlos Lacerda inicia hoje as suas atividades, com uma conferência.” *Diário da Noite*. Rio de Janeiro, 27/4/1935 (2ª ed.), p. 2. Ver também “Centro de Defesa da Cultura Popular.” *Movimento*. Rio de Janeiro, n. 1, 5/1935, p. 12). Ao longo do ano, entre outras, o centro promoveu conferências de Evandro Lins e Silva, Figueira de Almeida, Nicanor do Nascimento, Francisco Mangabeira e Joaquim Ribeiro, além de uma série de debates, como o já mencionado sobre a situação dos estudantes.

<sup>12</sup> “Centro de Defesa da Cultura Popular.” *A Manhã*. Rio de Janeiro, n. 26, 25/5/1935, p. 7; e “Mais uma reunião pública do Centro de Defesa da Cultura Popular.” *A Manhã*. Rio de Janeiro, n. 27, 26/5/1935, p. 7.

<sup>13</sup> “Para auxiliar os estudantes pobres, a fundação da ‘Casa do Estudante Fluminense.’” *Diário da Noite*. Rio de Janeiro, 31/5/1935, p. 3.

<sup>14</sup> O Congresso da Juventude Proletária, Estudantil e Juvenil foi uma iniciativa impulsionada pelo Partido Comunista do Brasil (PCB), no âmbito de seu trabalho juvenil e no contexto de sua mudança de orientação política, quando abandonou as posições do chamado “terceiro período” e passou a adotar as da “frente popular.” Os comunistas tinham como objetivo a realização desse congresso para a criação de uma nova organização juvenil, a qual teria o caráter de uma organização de frente que agrupasse as organizações de esquerda e substituísse a Federação da Juventude Comunista do Brasil. Ver KAREPOVS, Dainis. “A Juventude Comunista do Brasil na era da Internacional Comunista.” *The International Newsletter of Communist Studies*.

Mannheim, v. XV (2009), n. 22, p. 133. Disponível em: <newsletter.icsap.de/home/data/pdf/INCS\_22\_ONLINE.pdf>, acesso em 13 ago. 2013.

<sup>15</sup> “Os estudantes e o Congresso Juvenil.” *A Manhã*. Rio de Janeiro, n. 63, 7/7/1935, p. 2.

<sup>16</sup> Ala Reivindicadora dos Estudantes de Medicina. *A Manhã*. Rio de Janeiro, n. 86, 3/8/1935, p. 2.

<sup>17</sup> “Apesar da nota agressiva do governo... Os estudantes pernambucanos continuam a gozar de abatimentos nos teatros.” *A Manhã*. Rio de Janeiro, n. 85, 2/8/1935, p. 2; “Intensifica-se a ‘Campanha dos 50%’ – ‘Merece esse movimento a nossa inteira solidariedade’, declara a ‘A Manhã’ o presidente do Diretório Acadêmico da Faculdade de Direito.” *A Manhã*. Rio de Janeiro, n. 93, 11/8/1935, p. 2 [neste texto, o presidente do DA da Faculdade de Direito afirma que os estudantes de Direito do Distrito Federal tinham abatimento em todos os teatros do Rio de Janeiro]; “Prossegue ativamente a ‘Campanha dos 50%’”. “Quinta-feira próxima, às 15 horas, será realizada a grande passeata de protesto da mocidade escolar. Avolumam-se os protestos contra a brutal agressão do governo Vargas – ‘A Manhã’ abre, com 10\$000, uma lista de subscrição para auxiliar o movimento.” *A Manhã*. Rio de Janeiro, n. 105, 25/8/1935, p. 7 [esta matéria reproduz uma carta do Centro dos Estudantes de Santos informando que os eles tinham um desconto de 75% nas passagens].

<sup>18</sup> “A ‘Campanha dos 50%’ recebe novas adesões. O Diretório Acadêmico da Escola Nacional de Química apoiará materialmente o movimento. Mais uma comissão de estudantes na redação d’*A Manhã*”. *A Manhã*. Rio de Janeiro, n. 95, 15/8/1935, p. 8.

<sup>19</sup> “Os estudantes gaúchos aderiram à ‘Campanha dos 50%’. Crescem dia a dia as adesões ao movimento da mocidade estudantil – *A Manhã* ouve o acadêmico João Calmon, da Comissão Organizadora.” *A Manhã*. Rio de Janeiro, n. 94, 14/8/1935, p. 8.

<sup>20</sup> “Os estudantes de Campos aderiram à ‘Campanha dos 50%’. A grande passeata de amanhã empolga a mocidade escolar desta Capital.” *A Manhã*. Rio de Janeiro, n. 97, 16/8/1935, p. 8.

<sup>21</sup> Raul Lins e Silva Filho era militante comunista e irmão do futuro ministro do Supremo Tribunal Federal, aposentado compulsoriamente pelo Ato Institucional n. 5 em 1969, Evandro Lins e Silva. Cf. SANT’ANNA, Irun. *O garoto que sonhou mudar a humanidade*. Rio de Janeiro: Fundação Dinardo Reis, 2011, p. 58.

<sup>22</sup> “A ‘Campanha dos 50%’ empolga os meios estudantis. Centenas de estudantes, reunidos ontem, hipotecaram solidariedade à C. organizadora e traçaram planos de ação. O Instituto Superior de Preparatórios e a Escola Nacional de Química aderiram ao movimento.” *A Manhã*. Rio de Janeiro, n. 93 [sic], 13/8/2013, p. 8.

<sup>23</sup> “Estúpida a agressão do governo aos estudantes! Enorme massa estudantil conquista as ruas! A mocidade escolar foi ontem barbaramente atacada a tiros e a pau pelos agentes da Ordem Social, durante as manifestações da ‘Campanha dos 50%’”. *A Manhã*. Rio de Janeiro, n. 99, 18/8/1935, p. 1 e 7.

<sup>24</sup> LIMA, Pedro Motta. “A causa dos estudantes.” *A Manhã*. Rio de Janeiro, n. 100, 20/8/1935, p. 3.

<sup>25</sup> “Explicando ao Povo: A Campanha dos 50%.” *A Manhã*. Rio de Janeiro, n. 100, 20/8/1935, p. 3.

<sup>26</sup> A Comissão Organizadora da “Campanha dos 50%” do Distrito Federal era composta por um ou dois alunos da cada escola, além dos representantes dos Diretórios Acadêmicos. Na reunião do dia 19, quando ainda faltavam representantes de algumas escolas não presentes, esta era sua composição: Pedro II – Thomaz Maffra e Ivan Ricciani (\*); São Bento – Vanni Pinto Rodrigues; Instituto de Ensino Secundário – Ítalo Arruda; Instituto Superior de Preparatórios – Rubens Saldanha; Freycinet – Ery Presser Bello; Instituto Superior de Comércio – Nilo Guimarães; Ginásio 28 de Setembro – Benito Bermude; Amaro Cavalcanti – Rubens Britto; Popular do São Bento – Jorge Coelho; Latino-Americano – Augusto Masseur; Pré-Jurídico – Luiz Lacroix Leiras; João Alfredo – Raul Guimarães; Sylvio Leite – Wilson Chagas; Química – Almir Neves (\*) e José Bonifácio Schmitt (\*) (representante do DA); Direito – João Calmon (\*), Raul Lins e Silva Filho (\*) e Benedicto Bonfim (representante do DA); Medicina – Yrun Santanna; Agronomia – Péricles Osório; Veterinária – Francisco Ferreira, Manoel Reis Filho e Arnaldo Rosa Vianna; Medicina e Cirurgia – Waldyr Montenegro; Universidade do Distrito Federal – Carlos Ribeiro. Os assinalados com asterisco pertenceram à Comissão Organizatória provisória. “Cresce o entusiasmo em torno da ‘Campanha dos 50%’. Sexta-feira próxima será realizada uma grande passeata de protesto contra a covarde agressão de sábado passado. Na Câmara Municipal, o vereador Frederico Trotta protesta contra as violências da polícia.” *A Manhã*. Rio de Janeiro, n. 100, 20/8/1935, p. 8; “A ‘Campanha dos 50%’ caminha para a vitória. Depois de amanhã, às 15 horas, os estudantes cariocas levarão a efeito a grande passeata de protesto. Na Câmara Municipal, o vereador Frederico Trotta protesta energicamente contra as barbáries do governo Vargas.” *A Manhã*. Rio de Janeiro, n. 106, 27/8/1935, p. 8.

<sup>27</sup> Fundada em 13/8/1929 por um grupo de estudantes cariocas, a Casa do Estudante do Brasil foi uma instituição de caráter assistencial que sempre girou em torno da “caprichosa” figura de Ana Amélia de Queirós Carneiro de Mendonça, que se tornou sua presidenta perpétua em 1933. Subvencionada pelo governo de Getúlio Vargas, manteve sempre uma relação ambígua com o movimento estudantil. Cf. POERNER, Arthur. *O poder jovem: história da participação política dos estudantes desde o Brasil-Colônia até o governo Lula*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Book Link, 2004, p. 132-134. A “Campanha dos 50%”, embora a Casa do Estudante do Brasil tenha sempre cedido sua sede para as reuniões da Comissão Organizadora do movimento, jamais recebeu seu apoio formal, nem ocupou o cargo oferecido pela Comissão Organizadora, e tampouco Ana Amélia deu declarações públicas de apoio ao movimento (“O martírio de Geny Gleizer comove a todos os corações brasileiros... menos o da sra. Anna Amélia, presidente da ‘Casa do Estudante’, que declarou a *A Manhã* não estar disposta a opinar sobre o caso!” *A Manhã*. Rio de Janeiro, n. 125, 18/9/1935, p. 1 e 7).

<sup>28</sup> “Os estudantes mineiros aderiram à ‘Campanha dos 50%’. A massa estudantil sairá às ruas, depois de amanhã, às 15 horas, para protestar contra as violências da polícia. Uma atitude reacionária do Reitor do Externato S. José.” *A Manhã*. Rio de Janeiro, n. 101, 21/8/1935, p. 8.

<sup>29</sup> “Intensa e coesa a ‘Campanha dos 50%’. A grande passeata de amanhã empolga os meios estudantis. Crescem os protestos ante as violências da polícia.” *A Manhã*. Rio de Janeiro, n. 102, 22/8/1935, p. 8.

<sup>30</sup> *Ibid.*

<sup>31</sup> “Impedida a passeata que os estudantes realizariam amanhã. A polícia toma essa providência para impedir a interferência de elementos subversivos – Uma nota do capitão Miranda Corrêa.” *Diário da Noite*. Rio de Janeiro, 22/8/1935 (6ª ed.), p. 1.

<sup>32</sup> “Ameaçada de fuzilamento, a juventude escolar sairá às ruas, na defesa de seus direitos! Será realizada hoje a passeata estudantil! No Largo da Carioca, às 15 horas, terá lugar a concentração – O Prefeito permitiu que fossem afixados cartazes de propaganda.” *A Manhã*. Rio de Janeiro, n. 103, 23/8/1935, p. 8.

<sup>33</sup> “Elementos perniciosos tramam tirar partido da passeata dos estudantes. Rigorosas medidas policiais serão postas em prática.” *Diário da Noite*. Rio de Janeiro, 23/8/1935 (5ª ed.), p. 1.

<sup>34</sup> “Chicoteando menores indefesos!... Violenta selvageria ontem praticada, pela Polícia de Ordem Social, no Largo da Carioca. Cercados por investigadores, os pequenos colegiais foram surrados a fio de arame e dissolvidos à bala!...” *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 24/4/1935, p. 7.

<sup>35</sup> “Caçados à bala, novamente, os estudantes! Barbaramente dissolvida pela Polícia a concentração estudantil no Largo da Carioca. Veementes protestos da mocidade escolar – A repercussão na Câmara dos Deputados – Reunir-se-á hoje a Comissão Organizadora da ‘Campanha dos 50%’.” *A Manhã*. Rio de Janeiro, n. 104, 24/8/1935, p. 1 e 7.

<sup>36</sup> “Chicoteando menores indefesos!... Violenta selvageria ontem praticada, pela Polícia de Ordem Social, no Largo da Carioca. Cercados por investigadores, os pequenos colegiais foram surrados a fio de arame e dissolvidos à bala!...” *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 24/4/1935, p. 7.

<sup>37</sup> A festa estudantil de ontem, na Faculdade de Direito: O acadêmico José Guilherme de Araújo despiu a “camisa verde.” *A Manhã*. Rio de Janeiro, n. 50, 22/06/1935, p. 7.

<sup>38</sup> “Caçados à bala, novamente, os estudantes! Barbaramente dissolvida pela Polícia a concentração estudantil no Largo da Carioca. Veementes protestos da mocidade escolar – A repercussão na Câmara dos Deputados – Reunir-se-á hoje a Comissão Organizadora da ‘Campanha dos 50%’.” *A Manhã*. Rio de Janeiro, n. 104, 24/8/1935, p. 7.

<sup>39</sup> “Os violentos tiroteios de ontem no Largo da Carioca. Uma passeata de estudantes que não se realizou – A Polícia espancou a ‘casse-tête’ acadêmicos e populares.” *Diário Carioca*. Rio de Janeiro, 24/8/1935, p. 3.

<sup>40</sup> LIMA, Pedro Motta. “Espancam nossos filhos!” *A Manhã*. Rio de Janeiro, n. 104, 24/8/1935, p. 3.

<sup>41</sup> “O Largo da Carioca em polvorosa. Conflito entre estudantes e policiais – dois feridos – Intervenção de um deputado.” *O Jornal*. Rio de Janeiro, 24/8/1935, p. 14.

<sup>42</sup> “A ‘Bolsa’ das Figurinhas foi a causa imediata dos acontecimentos de ontem no Largo da Carioca. No meio da confusão indivíduos maldosos causaram prejuízos a vários estabelecimentos comerciais, que foram forçados a fechar as suas portas.” *Diário da Noite*. Rio de Janeiro, 24/8/1935, p. 8.

<sup>43</sup> “Os violentos tiroteios de ontem no Largo da Carioca. Uma passeata de estudantes que não se realizou – A Polícia espancou a ‘casse-tête’ acadêmicos e populares.” *Diário Carioca*. Rio de Janeiro, 24/8/1935, p. 3.

<sup>44</sup> “Prossegue, ativamente, a ‘Campanha dos 50%’. Quinta-feira próxima, às 15 horas, será realizada a grande passeata de protesto da mocidade escolar. Avolumam-se protestos contra a brutal agressão do governo Vargas. ‘A Manhã’ abre, com 100\$000, uma lista de subscrição para auxiliar o movimento.” *A Manhã*. Rio de Janeiro, n. 105, 25/8/1935, p. 7.

<sup>45</sup> “Os estudantes paraenses e pernambucanos apoiam a campanha dos 50%. A concentração para a grande passeata de amanhã terá lugar na Praça Mauá, às 15 horas – Aumentam os protestos contra as violências da polícia e as adesões ao movimento estudantil.” *A Manhã*. Rio de Janeiro, n. 107, 28/8/1935, p. 8.

<sup>46</sup> “A polícia e a ordem.” *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 25/8/1935, p. 2; “Os excessos da polícia.” *Diário Carioca*. Rio de Janeiro, 30/8/1935, p. 6.

<sup>47</sup> “Explicando ao Povo: A reação é contra todos.” *A Manhã*. Rio de Janeiro, n. 106, 27/8/1935, p. 3 e 7.

<sup>48</sup> “Explicando ao Povo: A ‘neutralidade’ na Campanha dos 50%.” *A Manhã*. Rio de Janeiro, 29/8/1935, p. 3.

<sup>49</sup> “A massa estudantil empolgou toda a cidade! Constituiu verdadeiro sucesso a grande passeata de propaganda da ‘campanha dos 50%’. Representantes das Câmaras Federal e Municipal saúdam os jovens e protestam contra as violências da polícia.” *A Manhã*. Rio de Janeiro, n. 109, 30/8/1935, p. 1 e 7; “A passeata dos estudantes. Falou das escadas da Câmara, o deputado Lusardo.” *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 30/8/1935, p. 3; “Os estudantes realizam uma nova passeata. Visita às câmaras Federal e Municipal – Começo de tumulto na Praça Tiradentes, sem maiores consequências.” *Diário da Noite*. Rio de Janeiro, 30/8/1935, p. 3; “A campanha de 50%. Os estudantes realizaram, ontem, nova passeata – Visitas às Câmaras dos Deputados e Municipal.” *O Jornal*. Rio de Janeiro, 30/8/1935, p. 3; “Os estudantes novamente perseguidos pela polícia. Dissolvida por guardas civis, na Praça Tiradentes, a passeata de ginásianos. Os estudantes empreenderam a grande passeata.” *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 30/8/1935, p. 7; “A passeata estudantina de ontem. Prossegue, intensa, a Campanha dos 50 por cento – A atitude da polícia e o cano de borracha em ação.” *Diário Carioca*. Rio de Janeiro, 30/8/1935, p. 7.

<sup>50</sup> SANT'ANNA, I., *op. cit.*, p. 101.

<sup>51</sup> LIMA, Pedro Motta. “Eis o ‘extremismo’...” *A Manhã*. Rio de Janeiro, n. 109, 30/8/1935, p. 3.

<sup>52</sup> “50% de abatimento para os estudantes! Os jovens baianos depredaram um cinema integralista, o único que não quis conceder abatimento. A Comissão Organizadora vai enviar um memorial à Light.” *A Manhã*. Rio de Janeiro, n. 145, 11/10/1935, p. 2.

<sup>53</sup> “50% de abatimento para os estudantes! Hoje, às 12 horas, será realizada uma passeata, para entrega de um memorial à Light. O governo paraense concedeu o abatimento pleiteado pela mocidade escolar.” *A Manhã*. Rio de Janeiro, n. 157, 23/10/1935, p. 7; “Os estudantes do Pará na campanha nacional dos 50%! Belém inundada de prospectos, com os muros, as calçadas e os bondes gizados. Grande comício público na Praça do Relógio.” *A Manhã*. Rio de Janeiro, n. 167, 2/11/1935 (2ª ed.), p. 3.

<sup>54</sup> A Comissão de Transporte e Diversões era integrada por João Calmon, Almir Neves, Raul Lins e Silva Filho, Otto Marques e Pereilles Moreira Rocha. A Comissão de Taxas e Livros era integrada por Érico Neves, Benedicto Bonfim, José Bonifácio Schmidt, Theomar Jones, Samuel Schilkman, Luiz L. Neivas, Francisco Ferreira e Rubens Saldanha. “A ‘Campanha dos 50 por cento’. O resultado da reunião, na ‘Casa do Estudante’”. *Diário da Noite*. Rio de Janeiro, 2/9/1935 (4ª ed.), p. 2.

<sup>55</sup> O questionário tinha o seguinte conteúdo: “a) Qual a taxa de inscrição de exame?; b) Qual a taxa de matrícula?; c) Quanto para cada aluno por ano ou por mês, com exclusão das taxas?; d) Se há mais alguma taxa, qual é e de quanto?; e) Há limitações de vagas? Qual esse limite? (para as escolas públicas em geral); f) Mencione e explique outras necessidades de sua escola que estejam prejudicando o desenvolvimento do ensino; g) Quais as medidas que propõe para serem apresentadas no memorial?” “A ‘Campanha dos 50 por cento’. O resultado da reunião, na ‘Casa do Estudante’”. *Diário da Noite*. Rio de Janeiro, 2/9/1935 (4ª ed.), p. 2.

<sup>56</sup> “A ‘Campanha dos 50%’ assume as proporções de movimento nacional. Fala a ‘A Manhã’ uma comissão de acadêmicos pernambucanos.” *A Manhã*. Rio de Janeiro, n. 113, 4/9/1935, p. 8; “Os estudantes de Niterói e a ‘Campanha dos 50%’. Importante assembleia na sede do Grêmio Luso-Brasileiro – No dia 12 do corrente será realizada uma grande passeata.” *A Manhã*. Rio de Janeiro, n. 114, 5/9/1935, p. 2.

<sup>57</sup> “50% de abatimento para os estudantes!” *A Manhã*. Rio de Janeiro, n. 116, 7/9/1935, p. 3; “50% de abatimento para os estudantes. Na parada de ontem, na Esplanada do Castello, os colegiais ostentavam o emblema do movimento estudantil. Sábado próximo será realizada nesta capital mais uma passeata da mocidade estudiosa.” *A Manhã*. Rio de Janeiro, n. 117, 8/9/1935, p. 8.

<sup>58</sup> “50% de abatimento para os estudantes! As normalistas tomarão parte na grande passeata do próximo dia 14. Em Cachoeiro de Itapemirim, teve lugar, sábado último, uma grande manifestação estudantil.” *A Manhã*. Rio de Janeiro, n. 118, 10/9/1935, p. 7; “50% de abatimento para os estudantes! ‘Todos os cinemas podem conceder o

abatimento pleiteado', afirma o proprietário do Cine Metrópole. Na Praça Mauá será realizada, às 14 horas, a concentração para a grande passeata de sábado vindouro." *A Manhã*. Rio de Janeiro, n. 119, 11/9/1935, p. 8; "50% de abatimento para os estudantes! Na Praça Mauá, às 14 horas, será feita hoje a concentração para a grande manifestação da mocidade escolar. Vários professores da Universidade apoiam o movimento estudantil." *A Manhã*. Rio de Janeiro, n. 122, 14/9/1935, p. 2.

<sup>59</sup> "50% de abatimentos para os estudantes! Fala a 'A Manhã', sobre o movimento estudantil, uma embaixada de jovens pernambucanos. A Comissão Organizadora vai realizar um 'pic-nic', no dia 6 de outubro, na ilha de Paquetá." *A Manhã*. Rio de Janeiro, n. 126, 19/9/1935, p. 8; "50% de abatimento para os estudantes. Será realizado, hoje, na ilha de Paquetá, o anunciado pic-nic da mocidade carioca." *A Manhã*. Rio de Janeiro, n. 141, 6/10/1935, p. 7.

<sup>60</sup> "Atacados a tiros os estudantes de Belo Horizonte. Fechada, por três dias, em sinal de protesto, a Faculdade de Direito. Cenas selvagens da Polícia-Política do Sr. Benedito Valladares." *A Manhã*. Rio de Janeiro, n. 122, 14/9/1935, p. 8; "Violento conflito em Belo Horizonte. Dissolvido à força pela Polícia um comício de estudantes pela Campanha dos 50 por cento – Espancado o acadêmico Lourival Vianna." *Diário da Noite*. Rio de Janeiro, 14/9/1935, p. 1 e 8; "Os estudantes mineiros colhidos numa emboscada policial! O assalto à Faculdade de Direito de Belo Horizonte foi premeditado. A indignação e a revolta causadas pelas selvagerias policiais de anteontem, na capital mineira." *A Manhã*. Rio de Janeiro, n. 123, 15/9/1935, p. 3; "A invasão a mão armada da Faculdade de Direito de Minas. Os valentes estudantes das Alterosas não recuam diante dos arreganhos da polícia-política... beneditina." *A Manhã*. Rio de Janeiro, n. 124, 17/9/1935, p. 8; "50% de abatimento para os estudantes! Os estudantes de Fortaleza e Rezende apoiam o movimento estudantil. Sob os protestos enérgicos da população local, a população cearense cometeu toda sorte de violências contra os jovens, durante um comício de propaganda da 'Campanha dos 50%'" *A Manhã*. Rio de Janeiro, n. 124, 17/9/1935, p. 7.

<sup>61</sup> "50% de abatimento para os estudantes! 'Todos os cinemas podem conceder o abatimento pleiteado', afirma o proprietário do Cine Metrópole. Na Praça Mauá será realizada, às 14 horas, a concentração para a grande passeata de sábado vindouro." *A Manhã*. Rio de Janeiro, n. 119, 11/9/1935, p. 8.

<sup>62</sup> "A 'Light' contra os estudantes! Ou a empresa canadense cede, ou os rapazes lhe aplicarão as 'sanções' que ela merece!" *A Manhã*. Rio de Janeiro, n. 145, 11/10/1935, p. 8.

<sup>63</sup> "50% de abatimento para os estudantes! Os jovens gaúchos realizaram uma grande passeata de propaganda do movimento estudantil. A Casa do Caboclo resolveu conceder o abatimento pleiteado pela mocidade escolar." *A Manhã*. Rio de Janeiro, n. 147, 13/10/1935, p. 2; "50% de abatimento para os estudantes! A mocidade alagoana vai realizar uma passeata de propaganda do movimento estudantil." *A Manhã*. Rio de Janeiro, n. 152, 18/10/1935, p. 6; "50% de abatimento para os estudantes. No Rio

Grande do Sul, a ‘Campanha dos 50%’ recebe novas e valiosas adesões.” *A Manhã*. Rio de Janeiro, n. 161, 27/10/1935, p. 3.

<sup>64</sup> “Os estudantes em luta por seus direitos! ‘Nós queremos 50!’ ‘Nós queremos Geny Gleizer!’ Foram os brados que empolgaram a mocidade estudantil, na grande passeata de ontem, através da cidade – Entregue à Câmara Federal o memorial relativo a transportes e diversões.” *A Manhã*. Rio de Janeiro, n. 123, 15/9/1935, p. 1. Na verdade, o memorial, no dia 14 de setembro, foi entregue apenas à Câmara Federal, pois a Câmara dos Vereadores não funcionava naquele dia, um sábado, e somente o recebeu no dia 17.

<sup>65</sup> Este último item foi incluído a partir de uma reivindicação suscitada pelo estudante Álvaro Gonçalves, do Colégio Freycinet, e apresentada à Comissão Organizadora, em que se demandava a revogação de uma lei que obrigava os alunos a cursarem mais dois anos antes de serem transferidos para a escola superior cujo curso pretendia seguir, conhecida como Lei dos Sete Anos. No entanto, esta reivindicação foi rapidamente posta de lado, por ter sido revogada pouco tempo depois. O fim dos dois anos a mais, apesar de caracterizado como uma vitória dos estudantes, foi discretamente anunciado ao final de uma das matérias diárias dedicadas à “Campanha dos 50%”. “O estudante Álvaro Gonçalves apresenta sugestões à Comissão Organizadora.” *A Manhã*. Rio de Janeiro, n. 112, 3/9/1935, p. 6; sobre o fim dessa reivindicação: “50% de abatimento para os estudantes! Os jovens baianos depredaram um cinema integralista, o único que não quis conceder abatimento. A Comissão Organizadora vai enviar um memorial à Light.” *A Manhã*. Rio de Janeiro, n. 145, 11/10/1935, p. 2.

<sup>66</sup> “A ‘Campanha dos 50%’ levada à Câmara. O memorial dos estudantes, entregue à minoria parlamentar.” *A Manhã*. Rio de Janeiro, n. 124, 17/9/1935, p. 2.

<sup>67</sup> VIANNA, Marly (org.). *Pão, terra e liberdade: memória do movimento comunista de 1935*. Rio de Janeiro; São Carlos: Arquivo Nacional; Ed. Universidade Federal de São Carlos, 1995, *passim*.

<sup>68</sup> SANT’ANNA, I., *op. cit.*, p. 54-63. A única exceção neste grupo era Hélio Walcaer, estudante de Direito, que era identificado como representante do Congresso da Juventude Proletária, Estudantil e Juvenil na Comissão Organizadora da “Campanha dos 50%”. “50% de abatimento para os estudantes! O Diretório Central dos Estudantes deverá apoiar hoje o movimento estudantil. A Comissão Organizadora vai enviar mensagem à mocidade gaúcha.” *A Manhã*. Rio de Janeiro, n. 130, 24/9/1935, p. 7.

<sup>69</sup> “Por que os estudantes não tiveram ainda os 50% nas passagens de bondes e nos preços dos livros. Mac Crimon, da ‘Light’, e Wolf, da ‘Klabin’ – dois ricaços estrangeiros, opõem-se à justa reivindicação pleiteada pelos nossos jovens alunos.” *A Manhã*. Rio de Janeiro, n. 134, 28/9/1935, p. 1 e 7.

<sup>70</sup> Eles podem ser vistos nas edições de 29 de setembro, 1º, 3, 4, 6 e 9 a 13 de outubro de 1935.

<sup>71</sup> “50% de abatimento para os estudantes! Os jovens baianos depredaram um cinema integralista, o único que não quis conceder abatimento. A Comissão Organizadora vai enviar um memorial à Light.” *A Manhã*. Rio de Janeiro, n. 145, 11/10/1935, p. 2.

<sup>72</sup> “Os estudantes lutam pela Campanha dos 50%! Entregue, ontem, um memorial à Light – Os diretores da poderosa empresa imperialista não quiseram receber pessoalmente os estudantes! – Uma insolência que deve ser repelida – Não foi permitido à imprensa colher flagrante fotográfico no ato de entrega do memorial.” *A Manhã*. Rio de Janeiro, n. 158, 24/10/1935, p. 5.

<sup>73</sup> “50% de abatimento para os estudantes! O DA da Escola Nacional de Veterinária responde aos quesitos formulados pela Comissão Organizadora – Na redação de ‘A Manhã’ podem ser encontrados os convites para o ‘pic-nic’ do dia 6 de outubro, em Paquetá.” *A Manhã*. Rio de Janeiro, n. 132, 26/9/1935, p. 8; “50% de abatimento para os estudantes! A mocidade paranaense também está lutando pela vitória do movimento estudantil. Os alunos do Instituto La Fayette respondem aos quesitos formulados pela Comissão Organizadora.” *A Manhã*. Rio de Janeiro, n. 142, 28/9/1935, p. 2.

<sup>74</sup> “50% de abatimento para os estudantes! O memorial referente a taxas e livros escolares será entregue, amanhã, às 14 horas, à Câmara Federal.” *A Manhã*. Rio de Janeiro, n. 168, 3/11/1935, p. 2.

<sup>75</sup> A esse respeito, o então estudante de Medicina Irun Sant’Anna afirma em suas memórias: “naqueles tempos não havia Universidades, e as taxas oficiais eram mais caras que as das faculdades particulares” (SANT’ANNA, I., *op. cit.*, p. 57).

<sup>76</sup> “50% de abatimento para os estudantes! ‘Fazer o Brasil maior, pela cultura e liberdade de seu povo, eis o ideal da mocidade das Escolas’. Como está redigido o memorial relativo a taxas e livros escolares que vai ser enviado à Câmara Federal.” *A Manhã*. Rio de Janeiro, n. 160, 26/10/1935, p. 2.

<sup>77</sup> Raul Lins e Silva Filho, Luiz Lacroix Leiras, Othon Marques, Evandro Collares, Olga Vieira, Miguel Gomes, Theomar Jones, Saul Schemberg e Ery Presser Bello.

<sup>78</sup> “50% de abatimento para os estudantes! A ‘Federación Universitária Argentina’ apoia o movimento estudantil. Na Casa do Estudante foi lançada, ontem, a ideia de uma organização permanente da mocidade brasileira.” *A Manhã*. Rio de Janeiro, n. 180, 15/11/1935 (2ª ed.), p. 1.

<sup>79</sup> “A mocidade das escolas vai lutar contra o integralismo. O manifesto da União Democrática Estudantil chamando todos os estudantes brasileiros ao combate ao Sigma.” *Diário da Noite*. Rio de Janeiro, 18/6/1936, p. 3; “Contra o integralismo os universitários do Brasil. Ganha novos adeptos em todo o país a União Democrática Estudantil.” *Diário da Noite*. Rio de Janeiro, 24/7/1937, p. 2; “Fechada a ‘União Democrática Estudantil’”. *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 12/10/1937, p. 5.

<sup>80</sup> SANT’ANNA, I., *op. cit.*, p. 57-61.